



CAPELATTO, I. & MARTINS FILHO, J. (2012). *CUIDADO, AFETO E LIMITES: UMA COMBINAÇÃO POSSÍVEL (4A ED.)*. SÃO PAULO: 7 MARES.

DOI: 10.22289/2446-922X.V6N2A9

Déborah Silva dos **Santos**¹
Gema Galgani da **Fonseca**

Ivan Capelatto, formado em Psicologia pela UNICAMP, mestre em Psicologia Clínica e Psicanálise pela PUC Campinas. É psicanalista de crianças, adolescentes e pais, supervisor e professor de Psicanálise e Psicopatologia. Autor de obras, como; 'Diálogos sobre a afetividade' (2007), 'Compreendendo a Natureza Humana: um ensaio sobre a raiva, o medo e a culpa' (2013), e coautor de obras, como; 'A Equação da Afetividade' (2010) e 'Vida Humana e Perdas: um pequeno ensaio sobre as depressões, as distímias e o transtorno do estresse pós-traumático' (2014).

José Martins Filho, formado em Medicina pela USP, doutor em Medicina pela UNICAMP. Livre docente em Neonatologia na UNICAMP, foi Diretor, Vice-Reitor e posteriormente Reitor da Faculdade de Medicina da UNICAMP. Atual Presidente da Academia Brasileira de Pediatria (2013). Em 1996, recebeu o Prêmio Jabuti pelo livro 'Lidando com crianças conversando com os pais' (1995), publicou livros, como; 'A criança terceirizada: os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo' (2007) e 'Quem cuidará das crianças? A difícil tarefa de educar os filhos hoje' (2011).

A obra 'Cuidado, afeto e limites: uma combinação possível' baseia-se no diálogo entre os autores Ivan Capelatto e José Martins Filho, acerca do relacionamento entre pais e filhos. Capelatto ressalta sobre o questionamento do que seria ser pai e mãe nos dias de hoje. Martins Filho preconiza que os valores familiares estão sendo perdidos para os mecanismos de comunicação da modernidade. As pessoas têm se tornado cada vez mais hedonistas e sem limites na tentativa de atingir o prazer supremo. Dessa forma a sociedade acaba se tornando mais violenta e permissiva, onde decisões são tomadas sem considerar as responsabilidades.

Na referida obra evidencia-se que é cada vez mais comum ver o cuidado dos filhos ser terceirizado aparecendo a figura de uma babá ou cuidadora. As mães estão cada vez menos presentes no cotidiano e a criança não se vincula a ela, pois quando necessita a figura presente

¹ Endereço eletrônico de contato: deborah_santos1994@hotmail.com

Recebido em 29/08/2019. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 23/10/2019.



não é a da pessoa que o gerou e sim da pessoa contratada para cuidar de suas necessidades. Uma babá comprometida com os cuidados do bebê passa a ser aquela capaz de suprir as demandas afetivas da criança, implicando ao pressuposto de que se a mãe não cuida; outra mulher assumirá este posto.

Segundo Capelatto, a psicanálise evidencia, que a criança sadia frequentemente busca por aquela pessoa que é sua referência de afeto, na tentativa de suprir essa necessidade encontra uma forma de criar vínculos. Quanto menores os apelos verbais e/ou corporais emitidos pela criança, menos saudável ela é. Então a indagação: “O que é uma criança saudável? É uma criança que solicita muito, que enche a mãe de pedidos” (Capelatto, 2012, p. 24).

Os autores trazem à tona uma síndrome pouco falada, a Síndrome de Münchhausen, onde deliberadamente os pais infringem lesões físicas em seus filhos, as quais vão desde machucados até assassinatos. Daí, se os pais não são capazes de oferecer um afeto genuíno aos filhos, a comunicação se faz pelas relações agressivas. Eles só se veem capazes de cuidar se a criança tiver algo manifesto fisicamente, algo visível. Pessoas portadoras dessa síndrome também são capazes de criar sintomas, para si mesmas, com o intuito de receber atenção e cuidados.

É destacado na obra sobre a dificuldade que os pais encontram em colocar limites ao educar seus filhos, vendo como algo que pode ser prejudicial a felicidade dos mesmos. O que a maioria dos pais acaba não percebendo é que frequentemente a criança pede por limites, a mesma passa a condutas inadequadas na busca de que os progenitores a percebam e se imponham, pois, limites são formas primordiais de cuidado e afeto.

Capelatto afirma que pais e filhos serem amigos não é algo possível, pois se isso acontece, essa se torna uma relação adoecida devido à falta de limites. A criança passa não perceber as fronteiras que existem em diversos tipos de relações e os papéis que cabem a cada um tornam-se confusos para ela.

Da mesma forma, os pais devem ter papéis bem delimitados, ou seja, as incumbências que cada um irá ter na educação e formação de seus filhos. Traz ainda uma ideia um tanto radicalizada de que limite e diálogo são coisas que não podem coexistir juntas, preconizando que durante uma tomada de decisão o diálogo enfraquece o ato limitado, pois não há argumentos que justifiquem o porquê a criança ou adolescente estar sendo privado de alcançar o prazer desejado.

No entanto, Capelatto ressalta que em algumas situações existe a possibilidade de diálogo. Cita como exemplo o uso de uma reportagem que fala a respeito das festas camicase, onde jovens e adultos pagam altas quantias para fazer uso de álcool e drogas e se expor a possibilidade de contrair doenças como HIV. Fazendo uso de uma reportagem como essa, os pais abrem a possibilidade de diálogo com os filhos. O jovem receberá a informação, a partir disso fica a cargo do mesmo a decisão de frequentar ou não esse tipo de festa.



Em contrapartida, Martins Filho percebe como necessário o diálogo entre pai e filho, defendendo que através dele se constrói pensamentos e aprendizados. É enfatizada a necessidade de que a criança seja cuidada pelos pais desde o nascimento. Se este é terceirizado, no futuro terão dificuldades em interpretar as demandas dos filhos que não os reconhecem.

Quando os pedidos passam a ser dirigidos a outras pessoas e não aos pais, os mesmos não aprendem sobre os filhos e passam a achar que tudo está bem, afinal não conhecem suas insatisfações e queixas. O autor reafirma essa ideia falando da perda de valores da sociedade, onde os pais não conseguem mudar seus comportamentos colocando limites para os filhos e seguem tendo visão limitada do que realmente se passa na vida dos mesmos e acabam, frequentemente, sendo pegos de surpresa ao descobrir o tipo de posturas que eles assumem em sociedade.

Também é proposto na obra que, as crianças e adolescentes necessitam de uma figura de autoridade e alguém que possam confiar, pois quando os pais não assumem este papel, passam a buscar no terapeuta, no médico, entre outros. Quando os profissionais lidam com crianças adoecidas que trazem a bagagem de pais que estavam adoecidos antes, é mais difícil uma intervenção resolutiva se aqueles que deveriam ser autoridade são a raiz do problema.

Cuidar do desenvolvimento da criança cada vez mais fica em segundo plano. Não são feitas as consultas de rotina que verificam crescimento, desenvolvimento físico - motor e cognitivo, alimentação e imunização. A criança adoece e, algumas vezes, a prescrição médica não terá efeito, porque o que ela realmente está requerendo é atenção e cuidado, quando ela busca sozinha pela terceirização de seus cuidados.

Os autores trazem o conceito de adúltecência, a adolescência prolongada; onde os vínculos primitivos não são interrompidos e esse adúlcente muitas vezes é bem desenvolvido intelectualmente, mas não possui recursos emocionais suficientes para manter relações maduras, sejam elas conjugais, de trabalho, etc.

Crianças criadas de forma permissiva, sem imposição de limites, sem responsabilização e tendo seus cuidados terceirizados são pessoas adoecidas, originando uma sociedade também adoecida, de violência e permissividade. Martins Filho cita a existência de três mães; a que gesta, a que pare e a que cuida, enfatizando que a mãe que gesta não é a mesma que pare, pois a maioria dos partos são cesáreas, não havendo desejo pelo parto natural. A mãe deveria ser tríplice; mas cada vez mais se chega à conclusão de que ter um filho e ser responsivo com ele não são coisas simultâneas, enfatizando que isso não é uma regra, algo universalizado.

Martins Filho cita um verso do poema “Ser mãe” de Coelho Neto, citado livremente, que comumente vemos ser direcionado às mães: “Ser mãe é padecer no paraíso (...)”, a maternidade é sinônimo de cuidar, de ter trabalho, de ter momentos de sofrimento. Chega-se ao delicado ato de adotar uma criança, que em alguns casos não há desejo pela gestação, mas sim pela



maternidade, a criança desejada deve encaixar em um padrão idealizado pelos candidatos a pais, e é cada vez maior o número de crianças em orfanatos sedentas por afeto.

É ressaltado ao longo do livro, que as pessoas anseiam por viver o momento atual e não se preocupam com o futuro. Isso influencia diretamente na educação das crianças, as quais somatizam cada vez mais em busca de um cuidado que sabem que os pais são capazes de oferecer e que frequentemente lhes é negado.

Os autores encerram os diálogos apresentados nesta obra, com a questão: “Quem precisa de ajuda: Os pais ou os filhos?”. Capelatto vem elencar quatro posicionamentos que os pais devem ter para efetivamente ajudar seus filhos. Em primeiro lugar, cuidar sem invadir; segundo, entender que os pedidos são sinônimo de saúde mental; terceiro, ter recursos que auxiliem no diálogo; e, por último, que os pais digam sim ou não sem temor. Martins Filho destaca que para a prática de uma maternidade e uma paternidade responsável é necessário que haja, pertinência, persistência, coerência e constância. Define essas quatro palavras como sendo um cuidado verdadeiro.

É evidente a importância que os autores atribuem sobre a necessidade da implementação dos limites em fases evolutivas de desenvolvimento; como na infância e adolescência. Os limites podem ser apropriados como representantes da lei – externa, como o papel da família e da escola, bem como da lei interna, como a formação da personalidade e identidade do sujeito.

138

Também, elucida-se a respeito da proposição dos autores, que os limites se estabelecem como caminho favorável para as relações de cuidado e afeto na vida do sujeito. Sendo que os, cuidados, afetos e limites formam uma combinação possível, que demarca uma evolução saudável, principalmente para os seres em diferentes fases do desenvolvimento humano.

Ao apreciar a obra ‘Cuidado, afeto e limites: uma combinação possível’ de Ivan Capelatto e José Martins Filhos, compreende-se que é possível analisar a temática através de vieses como, da educação, da psicologia e da medicina. De linguagem simples e sequência de ideias bem elaboradas, possibilita fácil entendimento para leigos. Os autores abordam temáticas atuais que vão de encontro às demandas da modernidade, defendendo as premissas de que colocar limites e estar atento aos papéis materno e paterno é uma das melhores formas de cuidado e afeto. O debate dos autores é provocador, pois em muitos momentos tem visões um tanto radicalizadas, o que instiga o leitor a refletir e se posicionar.

Dentre as visões dos autores que suscitam inquietações e posicionamentos firmes, sinaliza-se a afirmação de Capelatto que a amizade entre pais e filhos, é uma relação adoecida por não haver possibilidade de limites, e também que limite e diálogo são coisas que não podem coexistir juntas.

Percebemos o diálogo como fator fundamental na relação entre pais e filhos, desde que baseado no respeito mútuo onde haja direito a argumentação de ambas as partes, pois ao expor



opiniões se abre a possibilidade de pais e filhos se conhecerem como indivíduos. É importante que não exista apenas o posicionamento dos pais como máxima indiscutível, mas também se faz necessária uma articulação acerca da problemática do ponto de vista dos filhos, para que não seja apenas a autoridade dos pais sobrepondo os filhos.

Acreditamos na relação de amizade entre pais e filhos, onde os pais não sejam vistos apenas como autoridade, mas que haja uma relação de confiança, afeto e troca de experiências. No entanto, é necessário considerar alguns aspectos para que essa relação não seja prejudicial, como: respeitar os papéis que cada um exerce para que não haja uma inversão dessa proposição, o papel de cuidar fica a cargo dos pais, permitir que o filho tenha suas próprias vivências e seu círculo de amizades externamente ao seio familiar; ressaltar mais uma vez o respeito como indispensável; e colocar limites.

Salientamos que o cuidado com os filhos deve ser exercido pelo pai e pela mãe igualmente. A parceria entre os mesmos deve transcender a concepção do bebê e se prolongar durante toda sua formação como pessoa, independentemente da relação estabelecida entre os mesmos. O afeto é a essência para os relacionamentos e desenvolvimento do indivíduo, pois a falta de afeto dentro do convívio familiar pode ser fator desencadeador para transtornos psicológicos futuros.

Concordamos com a premissa dos autores, em destacar os limites como sendo uma forma genuína dos pais, demonstrarem cuidado e afeto por seus filhos. Uma vez que os limites se estabelecem como reguladores dos aspectos pulsionais internos como; ansiedade, medos, angústia, impulsos, fantasia, necessidades, satisfação, desejos, etc.

Dado o exposto, a resenha sobre cuidados, afetos e limites apresenta uma sólida contribuição de especial interesse para estudantes em educação, psicologia e pediatria, ou seja, graduandos, pós-graduandos e mestres que desejem enriquecer seus conhecimentos acerca dessas dimensões do desenvolvimento humano. Além disso, pode ser indicada, especialmente, também a pais implicados na educação e formação de seus filhos.